

## A SOMBRA E O TEMPO

(Blásquez Figueroa)

Lenora, vista cansada e braços doloridos, olha ao redor de si num misto de contentamento e desânimo. Trabalhou desde a manhã, desencaixando os objetos da mudança e guardando-os no devido lugar. Mas ainda tinha tanta coisa que guardar! Está sozinha em casa, o marido, Eduardo, lecionando em seu novo emprego na Universidade. Ao observar as diáfanas cortinas de seda, percebe que lá fora o céu carrega-se de nuvens. Caixas de papelão vazias espalham-se no tapete persa avermelhado, amontoam-se à porta da sala de estar daquela casa antiga, repleta de decoração requintada e mobília de época.

A porta fora decisiva. Meses atrás, enquanto buscava por um novo lar, o casal encontrara a famosa casa da família Gómez. Abandonada há anos, porém altamente conservada com muitos dos móveis intactos, era uma casa de porte médio que, refletindo *glamour* em cada cômodo ricamente ornamentado, assemelhava-se a um palácio para Lenora. A porta da sala de estar encarnara o ápice do luxo. Alta e larga, de madeira escura, brilhante, caprichosamente entalhada, macia ao toque e fortemente olorosa. Quem aproximasse o nariz àquela maravilha artesanal, sentiria tal pungente odor que acreditaria encontrar-se em um esplêndido bosque de verão. Lenora decidira-se ao ver a porta, ao tocar nela, ao sentir seu perfume único. Nem quis dar ouvidos aos boatos sobre espíritos e assombrações de antigos moradores. Resolveu; ali seria feliz com seu marido.

Eduardo. Ao lado da porta, o imenso relógio carrilhão, com seu ruído inexorável, marca as três da tarde. Eduardo voltaria após as seis. Na mesinha de mogno ao centro,

embaixo do lustre de cristal, Lenora vê a “Apologia a Edgar Allan Poe”. Há muito o marido vinha escrevendo aquele ensaio, sempre o largando em qualquer lugar. O cansaço pesa nos ombros. Retirando alguns papéis do sofá, Lenora deita-se, desejando uma horinha de sono. Estira-se e logo adormece naquela tarde caliginosa...

E naturalmente sonhou. Um sonho estranho, amorfo, escuro, carregado de angústia. Sonhou que estava deitada no sofá de sua nova casa e algo, uma presença indefinível, uma sombra de pavor, erguia-se atrás do sofá, curvava-se sobre seu corpo oprimindo seu peito e, lentamente, encaminhava-se para a porta, deixando atrás de si um rastro mefítico de folhas podres. Lenora acorda assustada, o coração aos saltos e as pupilas dilatadas. O sonho fora tão real; ainda sentia aquele odor fétido no ar e sua primeira reação foi olhar em volta.

A luz, filtrada pelas cortinas, quase sumira. O lustre do cristal, o carrilhão e as caixas no chão apresentam contornos indefinidos. Frente à porta está a sombra em seu lento caminhar. O coração de Lenora detém-se num doloroso átimo. Não fora sonho. Aquela sombra diabólica de fato curvara-se sobre seu corpo e conspurcara sua nova casa com aquele nauseabundo fedor. A sombra, cujos contornos incertos parecem a Lenora os de uma mulher em roupas antigas, agora toca a porta, entra nesta, funde seus traços malignos aos múltiplos entalhes da madeira.

O corpo de Lenora vibra. Levanta-se de chofre, um gosto elétrico na boca. Caminha até a porta com pernas lépidas, mas incertas, enquanto os últimos resquícios da sombra submergem na madeira. Mesmo na pouca luz, os olhos doem, violentados pelo inexplicável. Ao tocar a porta, porém, sentiu-se entrando novamente na realidade. Embora o cheiro da sombra ainda persista, tênue, controlou-se com aquela maciez, os ricos entalhes na madeira escura... O coração acalmou-se. Tudo fora um sonho ruim e acordar de repente fizera seus

olhos se enganarem. Aproxima-se mais da porta, fecha os olhos e aspira o delicioso perfume. O bucólico bosque de árvores frondosas e olorosas surgiu em sua mente. Permitiu-se ficar um tempo ali, entre as árvores oníricas, imersa naquele verão. Ao abrir os olhos, nota que o carrilhão marca, com seu ruído sem fim, cinco e meia da tarde. Eduardo chegaria em breve e ainda havia muito que fazer. Sem retirar a mão da porta, olhou para trás e encarou a casa. Sua nova casa. Seu palácio.

Vira-se. Mas não pode se mexer. O cérebro, ainda confuso, ordena às pernas que se movam, mas estas não obedeceram. Seus olhos, já acostumados a pouca luz, vêem os contornos indistintos do lustre de cristal, das caixas vazias e do ensaio do marido como quem vê as coisas a uma grande distância. Sente um novo salto no peito. Força as pernas e os braços como ímpeto, mas, de balde o movimento frenético dos membros, não conseguiu sair do lugar. Olha para si e percebe que suas roupas assumiram o aspecto de vestimentas antigas. Ergue as mãos à frente e vê estas se tornarem escuras e brilhantes, repletas de finos desenhos semelhantes a entalhes em madeira. Em pele. Sente uma vez mais o odor. Não o do bosque de verão, tão pouco aquele cheiro de folhas podres, mas sim o de corpos e almas em decomposição. E o odor do bosque era o odor das almas e as almas eram muitas, antigas moradoras daquela floresta de loucura.

Lenora sentiu sua alma aprisionada apodrecer, madeira nova numa floresta arcana. Tentou mover-se uma vez mais. Em vão. Gritou em desespero. Seu grito ecoou na floresta de almas danadas, açoitando-as em sua angústia eterna.

Lá fora, o céu escurecia. O carrilhão seguia sua marcha em absoluto silêncio.